



Este projeto é financiado
pela União Europeia

Plano de aula 6 – Vulnerabilidades e prevenção

A saúde sexual e a saúde reprodutiva são aspectos importantes no campo dos direitos humanos. Eles compõem os direitos sexuais e os direitos reprodutivos, que foram garantidos, em termos legais, há menos de meio século. Na década de 1970, as reivindicações que envolviam estes direitos estavam centradas nas reivindicações das mulheres pela autonomia corporal, o controle da própria fecundidade e atenção especial à saúde reprodutiva (VENTURA, 2009). Foi a partir de 1994, com a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento – CIPD, e de 1995, com a 4ª Conferência Mundial da Mulher – Beijing, que respectivamente, os direitos reprodutivos e os direitos sexuais foram legitimados.

A CIPD teve como resultado uma agenda de compromissos direcionada a todas as pessoas, por meio da promoção dos direitos humanos, da saúde sexual e saúde reprodutiva, da igualdade de gênero, da ampliação do acesso das meninas à educação, da eliminação da violência contra as mulheres.

O estímulo à igualdade dos homens e das mulheres nas tarefas domésticas e em todas as áreas da família também foi citado nessa Conferência, em um esforço para envolver os governos no sentido de que os homens participassem ativamente na paternidade, da contracepção e da prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (IST), ao HIV e a aids.

No contexto da prevenção das IST e da aids, o termo vulnerabilidade foi utilizado pela primeira vez pelo coordenador da *Coalização Global de Políticas Contra a Aids*, Jonathan Mann (1947–1998)¹, trazendo para o cenário a discussão sobre a desigualdade social, a discriminação, as condições sociais, culturais, econômicas e políticas. Segundo ele, além da informação, haveria que mudar alguns aspectos da cultura, da sociedade e das políticas para se garantir, efetivamente, que a prevenção aconteça (Mann, 1993).

¹MANN, Jonathan et al. (orgs.). *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro, RelumeDumará, 1993 .

Utilizado em praticamente todo o mundo, os eixos da vulnerabilidade – individual, social e programático – é ainda utilizado com muita frequência para avaliar objetivamente as possibilidades que cada pessoa ou grupo tem de se infectar ou de se proteger (AYRES, 2003).

Neste plano de aula, além das sugestões de atividades, alguns filmes comerciais e publicações sobre gravidez na adolescência e a prevenção das IST e do HIV são citados para aprofundar a discussão, buscando por atitudes e hábitos mais protegidos como, por exemplo, a comunicação e a negociação do uso do preservativo nas relações sexuais.

VULNERABILIDADES

O termo vulnerabilidade tem origem na advocacia internacional e diz respeito à situação de fragilidade que algumas pessoas e grupos têm diante de uma situação. Dividido em três eixos – individual, social e programático – o uso deste termo veio justamente para ajudar a conhecer e transformar essas condições, sem se contrapor ao conceito de risco.

Vulnerabilidade individual: relaciona-se à obtenção e capacidade para processar informações sobre a saúde e a prevenção. Depende de valores e crenças, do conhecimento das práticas de proteção e das possibilidades de aplicar esses conhecimentos em práticas de cuidado.

Vulnerabilidade social: diz respeito às condições coletivas e sociais que influenciam fortemente a vulnerabilidade individual e programática, entre elas: condições de vida e trabalho, realidade cultural, situação econômica, nível de escolaridade, ambiente, relações de gênero, relações etnicorraciais, de classe e geracionais.

Vulnerabilidade programática ou institucional: tem relação direta com as políticas públicas e com a maneira como estão organizadas as instituições.

Fonte: FFM. **Falando de Prevenção.** São Paulo: Fundação Faculdade de Medicina, 2013.

O Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais estima aproximadamente 734 mil pessoas vivendo com HIV/aids no Brasil no ano de 2014, correspondendo a uma prevalência de 0,4%. A maior concentração dos casos de aids no Brasil está entre pessoas com idade entre 25 a 39 anos em ambos os sexos; entre os homens, essa faixa etária corresponde a 54,0% e entre as mulheres 50,3% do total de casos desde 1980 a junho de 2014.

De acordo com o Boletim Epidemiológico de 2014, desde 2003, as mulheres apresentam uma tendência significativa de aumento entre aquelas com 15 a 19 anos, 55 a 59 anos e 60 anos ou mais, sendo o aumento de 10,5%, 24,8% e 40,4% de 2004 para 2013, respectivamente. (BRASIL, 2014 – p.14).

Aula 1 – Discutindo a gravidez na adolescência

Objetivo	Duração	Materiais
Reforçar a importância dos adolescentes e jovens do sexo masculino se perceberem como corresponsáveis pela contracepção e o cuidado para com os/as filhos/as.	50 minutos	Vídeo <i>Minha Vida de João</i> , computador, data show.

Passo a passo

1. Inicie a atividade apresentando o vídeo *Minha Vida de João* (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gMatcineJi8>).
2. Abra para o debate a partir das seguintes questões:
 - ✓ *Quais as opções que o menino tem quando se descobre grávido?*
 - ✓ *O que é ser pai?*
 - ✓ *O que é ser mãe?*
 - ✓ *Existe diferença entre a gravidez que acontece numa relação duradoura e uma gravidez que acontece numa transa eventual? Se existe, quais são elas? Por quê?*
 - ✓ *Toda gravidez que acontece na adolescência é indesejada?*
 - ✓ *O que muda na vida de uma menina adolescente que tem um/a filho/a?*
 - ✓ *O que muda na vida de um menino que tem um/a filho/a na adolescência?*
 - ✓ *De quem é a responsabilidade na hora de cuidar do filho?*
3. Encerre explicando que, em nosso contexto sociocultural, a gravidez tem sido vista e tratada como uma questão exclusiva do universo feminino. Assim como a decisão sobre uma relação sexual deve ser discutida, também se deve discutir a decisão sobre a contracepção e o planejamento reprodutivo, de modo que os rapazes participem das decisões sobre as formas de se evitar a gravidez e se prevenir das infecções sexualmente transmissíveis (IST), o HIV e a aids.

Leia +

O manual *Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde* foi criado para auxiliar educadoras e educadores a engajar mulheres e homens no questionamento dos estereótipos de gênero e no reconhecimento dos seus reflexos negativos na saúde e na vivência da sexualidade.

Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/2014/12/Programa-M-Trabalhando-com-Mulheres-Jovens.pdf>

Aula 2 – A história de Joana

Objetivo	Duração	Materiais
Discutir sobre as responsabilidades das mulheres e dos homens na decisão sobre uma gravidez.	± 50 minutos	Cópia da história de Joana para todos/as, lápis ou canetas.

Passo a passo

1. Distribua (ou leia em voz alta) o texto *A história de Joana* (folha de apoio).
2. Solicite que as/os participantes formem grupos de 3 a 5 pessoas e que discutam um possível final para essa história. Cada grupo deverá preparar uma pequena cena do final escolhido.
3. Ao término, peça que cada grupo apresente suas cenas e em seguida, pergunte que outras possibilidades seriam possíveis além das histórias que foram apresentadas.
4. Após cada grupo ter apresentado o que criou, use as questões abaixo para facilitar a discussão sobre o papel do homem e da mulher no planejamento reprodutivo:
 - ✓ *Esta poderia ser uma história real? Por que sim ou por que não?*
 - ✓ *Os homens jovens se preocupam em evitar uma gravidez? Por que sim ou por que não?*
 - ✓ *Os homens jovens costumam conversar com suas parceiras sobre formas de evitar uma gravidez? Por que sim ou por que não?*
 - ✓ *O que passa pela cabeça de uma jovem quando descobre que está grávida? Como uma gravidez poderia mudar sua vida? Que opções ela teria?*
 - ✓ *O que passa pela cabeça de um homem jovem quando ele descobre que está grávido? Em que sua vida pode mudar? Que opções ele teria?*
 - ✓ *Que opções uma mulher jovem grávida tem se não quer ser mãe naquele momento?*
 - ✓ *Que opções um homem jovem grávido tem se não quer ser pai naquele momento?*
5. Encerre explicando que, por muito tempo, a contracepção ou a forma de se evitar a gravidez foi vista como responsabilidade da mulher. Felizmente, muitos homens já participam da contracepção e do cuidado/prevenção com as IST/Aids. Por outro lado, também existem aqueles que não se veem como responsáveis pela reprodução e pelos cuidados com o filho ou filha que está por chegar. É muito importante desenvolver ações - nas escolas, nas comunidades, nos locais de trabalho – enfatizando a corresponsabilidade de ambos nas decisões reprodutivas e preventivas.

A história de Joana

Joana é uma menina de 15 anos. Ela está na 3ª série do Ensino Médio e tem planos para continuar os estudos e trabalhar. Sempre participou do grêmio da escola e é muito atuante. Joana é alegre, extrovertida e dinâmica, tem muitos/as amigos/as, se dá bem com todos/as. Namora com o Antonio há 7 meses.

Há mais ou menos três meses, eles transaram pela primeira vez. Joana e Antonio usaram o preservativo. O tempo foi passando e um dia Antonio não quis mais usar a camisinha. Disse que já estavam juntos fazia tempo e que ela deveria pensar em outras formas para evitar a gravidez.

Joana, então,

Antônio respondeu que...

Daí

Leia +

O ensaio *Paternidade na adolescência*, dos psicólogos Benedito Medrado e Jorge Lyra, focaliza o tema da gravidez na adolescência, a partir da articulação entre duas dimensões inter-relacionadas: gênero e geração.

Disponível em: http://files.bvs.br/upload/N/sd/Medrado_Paternidade_adolescencia.pdf

O texto *Gravidez na Adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social* de Maria Luiza Heilborn, possibilita debater mais a fundo as razões que produzem um quadro de tamanha repercussão. Concebido nos moldes de uma abordagem antropológica, esta investigação situa as determinações sociais do fenômeno - em sua articulação estreita com o que se convencionou chamar de cultura sexual brasileira (Parker, 1991), com as relações de gênero (Heilborn, 1984 e 1993) e de gerações (Bozon, 1994), inseridas nas condições materiais de existência.

Disponível em:

http://www.clam.org.br/uploads/publicacoes/107_1042_gravideznaadolescenciaconsideracoespreliminares.pdf

Sessão de cinema

A **gravidez na adolescência** é tratada de uma outra forma pelo filme **Juno**, possibilitando um elemento desencadeador para esta discussão. Nesta história, Juno, uma jovem de 16 anos, engravida de Paulie Bleeker, um grande amigo com quem transou apenas uma vez. Inicialmente ela decide fazer um aborto, mas ao chegar na clínica muda de ideia. Junto com sua amiga Leah, Juno passa a procurar em jornais um casal a quem possa entregar o bebê assim que ele nascer, já que não se considera em condições de criá-lo.

Disponível em locadoras

Era uma vez outra Maria

Este vídeo educativo apresenta experiências comuns na vida de mulheres jovens, abordando temas como saúde sexual e saúde reprodutiva, violência, gravidez, maternidade e trabalho. Pode ser usado com

mulheres e homens jovens ou com profissionais de saúde e educação que buscam novas formas para discutir a saúde e autonomia das mulheres jovens.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ezAQj3G4EY>

Aula 3 – Intervenção urbana

Objetivo	Duração	Materiais
Produzir intervenções na escola sobre a violência no namoro, direcionados para a prevenção de diferentes tipos de violência que podem ocorrer em um relacionamento.	2 aulas de ± 50 minutos cada	Tinta, papel, lápis, canetas coloridas, jornais, sucatas etc.

Passo a passo

1. Reúna os/as participantes e explique que, nesta aula, iremos construir uma intervenção urbana, ou seja, uma mudança visual e artística no espaço da escola ou da comunidade de seu entorno. Nesta intervenção, o tema a ser trabalhado é: *violência no namoro*.
2. Explique que, a violência no namoro pode ser definida como um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos namorados (ou ambos), com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. Existem várias formas de violência em um namoro. Algumas delas passam despercebidas e são até aceitas socialmente. Algumas delas até são vistas como sinal de “amor”.
3. Como exemplo, apresente o cartaz da campanha *Gentileza do Namoro*, elaborada pela Coordenação de Políticas e Ações Intersetoriais da Superintendência de Promoção da Saúde da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.



SE VOCÊ GOSTA DE NAMORAR, É IMPORTANTE CONHECER OS SEUS DIREITOS

- Ser tratado/a com carinho e respeito
- Escolher seus amigos, roupas, trabalho, religião
- Decidir se quer ou não fazer sexo
- Recusar sexo sem camisinha
- Terminar o namoro

Seus pensamentos, sentimentos e desejos merecem ser valorizados. Intimidar, humilhar, controlar, xingar e bater são formas de violência que não devem fazer parte do namoro.

QUEM AMA CUIDA, CONFIA, RESPEITA E CONVERSA

Se você precisar de ajuda, procure a unidade de saúde mais perto da sua casa.
<http://elosdasaude.wordpress.com/>

apoio COMITÊ VIDA



Fonte: <https://elosdasaude.files.wordpress.com/2012/06/postal-gentileza-no-namoro.png>

4. Depois de apresentado o cartaz da campanha, convide os/as participantes a criarem uma intervenção urbana no espaço da escola abordando esse tema. Por exemplo, criar uma coreografia e

um letra de música (*flash mob*) a ser apresentada no intervalo; colocar flechas no chão direcionando os/as outros alunos/as a chegarem em um local que terá uma escultura viva ou uma árvore em que foram colocadas faixas, dentre outras ideias.

5. Explique que a violência no namoro tem impactos para a saúde e pode gerar consequências como tristeza, depressão, consumo de álcool e outras drogas e relações sexuais desprotegidas. Enfatize que conversar sobre as diversas formas de violência que podem ocorrer nos relacionamentos é a melhor forma de prevenir e enfrentar o problema. Por isso, a ideia é promover reflexões e ações sobre a importância do cuidado e da gentileza para a construção de relações pessoais mais saudáveis.

Leia +

A publicação portuguesa *Jovens contra a violência no namoro: guia para a acção*, é uma ferramenta prática e útil para adolescentes e jovens que queiram desenvolver processos de prevenção de situações de violência que podem ocorrer em uma relação de namoro. Baseia-se na convicção de que adolescentes e jovens tem o potencial de influenciar e transformar atitudes e comportamentos junto a seus pares.

Disponível em: http://www.graal.org.pt/files/EA_Guia_para_accao.pdf

Sessão de cinema

A Campanha Nacional Contra a Violência no Namoro - **Quem te ama, não te agride!** - nasceu da necessidade de passar uma mensagem forte aos/às adolescentes e jovens portugueses que “aceitam” a violência em suas relações afetivas e sexuais. Um dos veículos de comunicação utilizados foi um vídeo - Quem te ama, não te agride! - narrado por um jogador de futebol, um surfista e uma apresentadora da TV, enfatizando a importância de se denunciar agressões, humilhações, e o controle de um/a sobre o outro/a.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sa9YuGGUze0>

Aula 4 - É negociando que a gente se entende

Objetivo	Duração	Materiais
Discutir as várias razões pelas quais as pessoas escolhem ter ou não relações sexuais e os desafios e estratégias preventivas nos relacionamentos íntimos.	50 minutos	Tiras com as histórias.

Passo a passo

1. Divida a turma em quatro equipes e explique que cada uma delas irá receber uma tira de papel especificando o sexo de uma pessoa (se é homem ou mulher) e se essa pessoa quer ou não quer usar o preservativo em uma relação sexual.
2. Explique que cada uma dessas situações exigirá do grupo um levantamento de argumentos favoráveis a essa ideia. Ou seja, cada grupo deverá fazer uma lista com os motivos para se utilizar ou não utilizar o preservativo em uma relação sexual.
3. Distribua as tiras e peça que 'incorporem' a situação pensando como um menino ou uma menina defenderia sua posição.
4. Quando todos os grupos tiverem sua lista com as argumentações, peça que formem dois grupos: o de MENINOS 1 com MENINAS 2 e o de MENINOS 2 com MENINAS 1.
5. Explique que, agora, eles deverão utilizar argumentos para convencer o outro grupo a aceitar suas ideias.
6. Dê 10 minutos para esta negociação entre os dois grupos (Menino 1 + Menina 2 e Menino 2 + Menina 1) e, em seguida, peça que cada grupo conte como foi a conversa com o outro grupo. Pergunte, também, como se sentiram participando dessa atividade.
 - ✓ Abra para o debate a partir das seguintes questões:
 - ✓ *O que é argumentar?*
 - ✓ *O que é negociar?*
 - ✓ *Em quais situações de vocês costumam negociar? Na compra de um produto? Com seus familiares? Com seus amigos? Com os ficantes ou namorados? Como fazem isso?*
 - ✓ *Vocês se preparam para uma conversa em que terão de convencer uma pessoa a fazer o que vocês querem? Se sim, como? Se não, por que?*
 - ✓ *Durante a atividade, em algum momento, vocês perceberam alguma situação de violência nas argumentações ou negociações. Quais?*

7. Encerre a atividade explicando que a perspectiva de gênero é um determinante imprescindível na prevenção do HIV/aids, havendo uma tendência de “feminização” da epidemia ocorrida desde o início da década de 1990 com crescimento do número de casos de aids no Brasil e no mundo (MS, 2009). Algumas pesquisas mostram que ainda existe uma dificuldade das mulheres na negociação de práticas mais protegidas (Lopes e col., 2007) indicando o poder reduzido da mulher na negociação do uso do preservativo, independentemente de sua idade. Assim, a comunicação entre um casal – hetero, homo ou bi – bem como as habilidades sociais de cada um deles/as são essenciais nas estratégias de negociação do uso do preservativo. Entretanto, mesmo considerando-se as habilidades de comunicação de cada um e a qualidade da relação existente entre os/as parceiros/as, a ideia de “negociar” pode não ser bem aceita no relacionamento conjugal pelos significados que evoca e que parecem incoerentes com uma relação pautada por princípios de amor e fidelidade. Segundo Barbosa (1997), com o crescimento da epidemia de aids, a negociação sexual passou a ser desejável e valorizada positivamente por sua vinculação com a preservação da saúde. Nas relações conjugais, a palavra “negociação” poderia ser transmutada em diálogo e acordo entre homens e mulheres, pois embora esses termos impliquem a necessidade de negociar, não têm o peso moral e comercial geralmente associado a esta palavra. Ao contrário, dialogar e chegar a um acordo subentende cumplicidade, respeito, consideração pelo outro.

Leia +

A cartilha **Prevenção à violência e ao HIV/Aids** elaborada por agências da ONU - Unids, Acnur, Opas/OMS, Onumulheres e Unfpa – aborda o tema violência contra a mulher, com o intuito de contribuir para a disseminação de informações sobre formas de violência e disponibilizar caminhos para a redução dos índices de violência de gênero. A cartilha possui uma linguagem amigável e está ao alcance de todas e todos.

Disponível em: http://www.mulheresdireitos.org.br/publicacoes/Cartilha_Direito_da_Mulher.pdf

Sessão de cinema

O documentário **Positivas**, de Susanna Lira, aborda a experiência de mulheres que contraíram o vírus HIV de seus maridos ou parceiros estáveis. Ao lançar um olhar para mulheres heterossexuais, “protegidas” pela instituição do casamento e infectadas pelo HIV, *Positivas* mostra quão frágil e desinformado é o muro do preconceito que cega toda a sociedade.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FMt0yXFvclA>

Aula 5 – Projeto de futuro

Objetivo	Duração	Materiais
Identificar situações comuns de violência no cotidiano da escola, incentivando-os a denunciar essas situações no Disque Denúncia 180 e no aplicativo Clique 180 .	2 aulas de ± 50 minutos cada	Papel, caneta, publicações sobre violência de gênero que ocorrem no ambiente escolar, computador com acesso à internet.

Passo a passo

1. Reúna os/as participantes e explique que a proposta é elaborar um projeto de prevenção às violências.
2. Explique que, primeiramente, é preciso conhecer os tipos de violência que ocorrem na escola. Peça que cada um/a faça uma lista dos tipos de violência que já presenciou dentro do ambiente escolar como, por exemplo, a violência física, a violência de gênero (moral e física), a violência racial, a homofobia, dentre muitas outras.
3. Quando terminarem, peça que cada um/a leia a sua lista e registre os tipos de violência apontados no quadro.
4. Explique que, agora, é preciso selecionar as violências de gênero, ou seja, as diferentes formas de violência praticadas no âmbito das relações de gênero, não só a violência praticada por homens contra mulheres, mas também a violência entre as mulheres e a violência entre os homens.
5. Selecionadas as violências de gênero, peça que formem grupos e que escrevam um projeto, da seguinte forma:

Justificativa (por que é necessário falar sobre violência de gênero?)

Objetivo (o que queremos que aconteça?)

Objetivos específicos (que ações e atividades precisamos desenvolver para diminuir a violência de gênero na escola?)

Atividades (como desenvolveremos cada uma das atividades previstas nos objetivos específicos?)

Divisão de tarefas (quem faz o que?)

Duração (quanto tempo precisamos para elaborar e implantar o projeto?)

Monitoramento e avaliação (o que e como faremos para saber que o projeto deu certo?)

Divulgação (como divulgaremos nossos resultados? Blogs? Jornal digital? Teatro? Um Mapa digital ou físico como forma de identificar onde acontecem as violências?)

6. Terminados os projetos, peça que cada grupo apresente seus resultados e abra uma roda sobre quais são as possibilidades de sua concretização.

Referências

Ayres JRCM. **O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde**: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p.117-39.

BARBOSA, R. M., Villela, W. V., & Uziel, A. P. (1995). **Entre a vontade e a necessidade**: negociação sexual em tempos de aids. Physis - Revista de Saúde Coletiva, 5(1),99-107.

LIMA, Maria Lúcia Chaves e MOREIRA, Ana Cleide Guedes. **AIDS e feminização**: os contornos da sexualidade. Rev. Mal-Estar Subj. [online]. 2008, vol.8, n.1 [citado 2015-06-07], pp. 103-118 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1518-6148.

LOPES, F.; BUCHALLA, C. M.; AYRES, J. R. C. M. **Mulheres negras e não negras e vulnerabilidade ao HIV/aids no estado de São Paulo**, Brasil. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 41, supl. 2, p. 39-46, 2007.

PROMUNDO, ECOS, Instituto PAPAI, Salud y Género, World Education. **Trabalhando com mulheres jovens**: empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <http://www.promundo.org.br>. Acesso em 29 de março de 2015.

PROMUNDO, ECOS, Instituto PAPAI, Salud y Género. **Trabalhando com homens jovens**. Rio de Janeiro: Promundo, 2002. Disponível em: <http://www.promundo.org.br>. Acesso em 29 de março de 2015.

VENTURA, Miriam. **Direitos Reprodutivos no Brasil**. 3.ed. Brasília: UNFPA, 2009.